



## **AGROECOLOGIA E TERRITÓRIO: A INTERSECÇÃO ENTRE PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS, ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA E CONSCIENTIZAÇÃO AGROAMBIENTAL**

Carlos Junior Pereira dos Santos<sup>1</sup>

Kamila dos Santos Ferreira Casemiro<sup>2</sup>

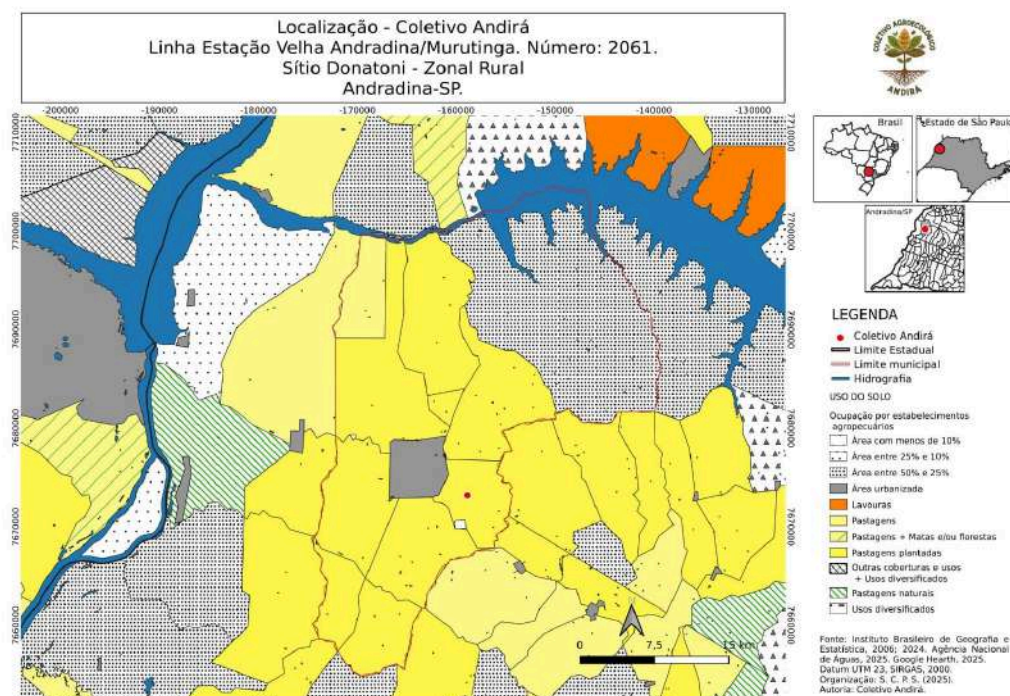
Cassia Cristiane Alves da Silva<sup>3</sup>

### **INTRODUÇÃO**

Este relato de experiência vem apresentar a trajetória de constituição e construção do Coletivo Agroecológico Andirá, movimento social que busca, mediante a aplicação de princípios e práticas agroecológicas, promover a educação socioambiental e a regeneração de territórios degradados. O Coletivo está sediado em Andradina (SP), município inserido no bioma Mata Atlântica, em região de clima tropical semiúmido, mas marcado pela hegemonia do agronegócio. Nesse contexto, os recursos hídricos, como os rios Tietê, Aguapeí e Peixe, embora fundamentais para o desenvolvimento regional, encontram-se sob forte pressão antrópica, conferindo importância crítica aos remanescentes de matas ciliares. Essa paisagem, moldada por décadas de agricultura convencional, evidencia um contraste profundo: de um lado, a produtividade imediata dos monocultivos; de outro, a degradação dos solos, a fragmentação dos ecossistemas e a contaminação dos corpos hídricos por insumos agrícolas. É justamente nesta fissura socioambiental que o Coletivo Andirá atua, propondo-se como um agente de transformação que articula o saber tradicional e o conhecimento científico para cultivar não apenas alimentos saudáveis, mas também novas relações de cuidado com a terra e com a comunidade, resistindo à lógica homogeneizante do modelo dominante e tecendo, na prática, alternativas de convivência e dando sentido a práxis agroecológica.



**Figura 1** – Mapa de localização do Coletivo Andirá, 2025.



**Fonte:** IBGE, 2006; Agência nacional de Águas, 2025. Google Earth, 2000. Organização e Autoria: Coletivo Andirá, 2025.

A gênese do Coletivo está intrinsecamente ligada à trajetória de um de seus fundadores, Carlos Junior Pereira dos Santos. Agrônomo de formação, sua experiência profissional com produção agroecológica, piscicultura sustentável e atuação como extensionista em Sistemas Agroflorestais (SAFs) na região de Campinas culminou em sua decisão, em 2023, de retornar à cidade natal para desenvolver uma iniciativa agroecológica autônoma. Em maio de 2024, após meses de busca, foi identificada uma área rural para arrendamento, cuja localização estratégica, próxima ao perímetro urbano, visa fomentar a conexão entre a educação teórica e a prática.

A concepção do Coletivo Andirá fundamenta-se nos princípios da agroecologia, adotada como eixo estruturante na tríplice dimensão de "ciência, prática e movimento" (CAPORAL; COSTABEBER, 2004), e articula-se à educação ambiental crítica, compreendida como uma "práxis educativa e social que tem por finalidade a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes que possibilitem o entendimento da realidade de vida" (LOUREIRO, 2004).



**Figura 2** - Práticas de plantio com mudas medicinais na educação ambiental.



**Fonte:** Autoria própria.

Dois eventos em fevereiro de 2025 foram decisivos para a consolidação do projeto: uma imersão no Coletivo Rancho Y-îara, em Panorama (SP), que proporcionou a compreensão prática de modelos organizacionais baseados na economia solidária e na gestão compartilhada; e a integração de Kamila Ferreira Casemiro ao projeto, cuja adesão foi crucial para a materialização da proposta enquanto iniciativa pública.

O ingresso subsequente de Cássia Cristiane Alves da Silva e Stefanny Cristina Pereira dos Santos permitiu a ampliação da base social e a diversificação de habilidades, constituindo um núcleo fundador interdisciplinar. Essa composição plural qualificou o Coletivo pela incorporação de múltiplos saberes, conformando o que Leff (2001) denomina "racionalidade ambiental".

A estratégia de comunicação foi lançada por meio do perfil [@coletivoagroecologicoandirá](#) no Instagram, adotando uma abordagem educativa que articula divulgação científica acessível e educação ambiental não formal, tornando-se uma ferramenta virtual do trabalho desenvolvida com o intuito que alcance um público extenso e diversificado.

Paralelamente, o Coletivo articulou-se para receber suas primeiras visitas, a primeira do curso de economia solidária do IFSP - Instituto federal de São Paulo - Polo Ilha Solteira e participar de maneira ativa no SINGA (Simpósio Internacional de Geografia Agrária), submetendo uma proposta para receber um dia de campo em sua área. A proposta visava apresentar in loco as



práticas de transição agroecológica e restauração ambiental. Decidiu-se também pela submissão de um trabalho acadêmico, na modalidade relato de experiência, redigido de forma coletiva e remotamente pelos membros, o qual foi aceito para apresentação no evento. Kamila, enquanto discente de Geografia, integrou uma das comissões organizadoras do simpósio.

Dessa conjunção de esforços, nasceu o Coletivo Agroecológico Andirá, com o propósito de fomentar o movimento agroecológico na região, integrando produção agrícola sustentável, tecnologias sociais de saneamento básico rural, recuperação de áreas degradadas e educação ambiental, pautado na justiça social, na equidade e na harmonia com o meio ambiente.

## **ESTRUTURA ORGANIZACIONAL E GESTÃO**

### **O que é um Coletivo Agroecológico?**

Um coletivo agroecológico é um grupo organizado de pessoas e profissionais que atua de forma colaborativa para promover a agroecologia, vai além da simples prática agrícola sustentável, por meio de interação dos saberes multidisciplinares da geografia, agronomia, administração e comunicação. Por meio da ação prática atua no planejamento, implantação e acompanhamento de Sistemas Agroflorestais (SAFs), recuperação de áreas e capacitação de comunidades. Em seus objetivos sociais, busca uma transformação socioambiental, promovendo autonomia, segurança alimentar e justiça social por meio de práticas agrícolas sustentáveis. Em essência, é uma rede de atores que uniram seus conhecimentos técnico-científicos à gestão comunitária e à comunicação para fomentar um modelo de desenvolvimento rural que permita efetivamente a capacidade na reprodução do modo de vida camponês.

A estrutura organizacional e o modelo de gestão descritos não são apenas um detalhe burocrático é espinha dorsal que permite ao coletivo existir e ser eficaz. Sua importância pode ser resumida em três pilares principais:

**Eficiência e Especialização:** Divisão em núcleos especializados (Técnico, Comunicação, Financeiro) assegura que cada área crítica do projeto seja conduzida por pessoas com competências específicas, evitando a sobrecarga de um único indivíduo e garante que todas as tarefas, desde o plantio de mudas até a prestação de contas a parceiros, sejam realizadas com qualidade e expertise.

**Sustentabilidade e Resiliência:** A gestão horizontal, onde não há um "chefe" único, e as decisões são tomadas coletivamente, é fundamental por vários motivos, com intuito de evitar centralização, onde a figura de "Coordenação Geral" atua mais como uma mediadora e articuladora,



e não como uma gerente com poder de decisão unilateral, reduzindo necessidade que o coletivo dependa de uma única pessoa e se fragilize com sua eventual saída.

**Promove o engajamento:** quando todos os membros participam das decisões, há um senso de corresponsabilidade e pertencimento muito maior, promovendo nas pessoas o sentimento de serem verdadeiramente donas do projeto. Garantindo transparência na prestação de contas, de forma explícita assim como feita pelo Núcleo de Gestão Financeira, constroem confiança entre os membros, com a comunidade e os financiadores.

**Coesão e alinhamento estratégico:** por meio de uma articulação interna, organizamos reuniões periódicas e mensais, consideradas "sistema circulatório" do coletivo. Elas são vitais para integrar os núcleos, garantindo que o trabalho do Núcleo Técnico esteja alinhado com a comunicação feita pelo Núcleo de Comunicação e com os recursos geridos pelo Núcleo Financeiro.

**Planejamento futuro:** nas reuniões mensais de planejamento estratégico, permitem que o grupo avalie o caminho percorrido e definir coletivamente os rumos futuros, assegurando que todos estejam no mesmo engajamento. A Partir dessa metodologia de organização temos a possibilidade de distribuir tarefas de forma equilibrada, alocando de forma equilibrada tarefas, evitando o desgaste de membros mais ativos e manter a saúde do grupo.

Assim o Coletivo Agroecológico Andirá, organiza-se em núcleos de trabalho especializados, operando sob uma gestão horizontal e tomada de decisões coletivas, distribuídos em:

**Coordenação Geral:** Sob responsabilidade de Kamila dos Santos Ferreira Casemiro (geógrafa), incumbe-se da liderança estratégica, articulação com parceiros, gestão de projetos e mediação.

**Núcleo Técnico Agroecológico:** Liderado por Carlos Junior Pereira dos Santos (engenheiro agrônomo), é responsável pelo planejamento, implantação e acompanhamento de sistemas produtivos agroecológicos, recuperação de áreas e capacitação internas e externas de práticas agrícolas ecológicas.

**Núcleo de Comunicação Social:** Coordenado por Cássia Cristiane Alves da Silva (graduanda em Geografia), atua na definição de estratégias digitais, criação de conteúdo, gestão da identidade visual e interação com o público.

**Núcleo de Gestão Financeira e Logística:** Sob a gestão de Stefanny Cristina Pereira dos Santos (administradora e Mestre em geografia), responsabiliza-se pela organização financeira, controle de caixa, prestação de contas e captação de recursos.



# XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA  
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA - JORNADA CARLOS WALTER PORTO-SOARES

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA E A  
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

## METODOLOGIA

A abordagem metodológica adotada fundamenta-se no planejamento e na prática coletiva de ação direta, priorizando o planejamento participativo e a convivência ativa com o território. A primeira etapa consistiu na busca e obtenção de uma propriedade rural, encontramos uma com localização estratégica, porém demonstra de forma evidente sinais do abandono e degradação, refletindo a lógica destruidora e excludente do agronegócio.

**Figura 3** - Início das atividades na sede do coletivo.



**Fonte: Autoria própria.**

**Figuras 4 e 5** - Resíduos sólidos dispersos no ambiente.



**Fonte: Autoria própria.**



As ações de reforma passaram pelas estruturas e saneamento, realizou-se à limpeza profunda do terreno, com remoção de quantidades volumosas de resíduos sólidos entre os principais plásticos, metais e vidros, instalação de cercamento ecológico com bambu e recuperação integral da residência rural, incluindo reforma do banheiro e adaptações no telhado para melhor vedação. Foi implementado um sistema de saneamento ecológico composto por vermifiltro e jardim filtrante, utilizando materiais acessíveis e plantas macrófitas.

**Figuras 6,7 e 8** - Construção do sistema ecológico para tratamento de esgoto.



**Fonte:** Autoria própria.

Preparo da área para implantação gradual do Sistema Agroflorestal (SAF), o início da transição agroecológica se deu com a delimitação de uma área de 2.500 m<sup>2</sup> para um SAF biodiverso. Diante da compactação do solo por pastejo intensivo, foi necessário um preparo convencional com as etapas de subsolagem, gradagem e encanteiramento, seguido de correção de fertilidade com base em análise de solo, utilizando pó de rocha, esterco e calcário dolomítico. Em seguida, foi distribuído manualmente um coquetel de adubação verde, composto por:

**Leguminosas:** *Crotalaria juncea*, *Cajanus cajan* (feijão-guandu), *Canavalia ensiformis* (feijão-de-porco).

**Gramíneas:** *Megathyrsus maximus* (capim-mombaça), *Zea mays* (milho), *Sorghum bicolor* (sorgo) e outras famílias *Ricinus communis* (mamona), *Helianthus annuus* (girassol).

Após o crescimento, a biomassa foi manejada e incorporada sob o solo.



**Figuras 9 e 10** - Encanteiramento mecanizado e canteiros com adubação verde.



**Fonte:** Autoria própria.

A etapa subsequente consistiu no plantio gradual de espécies arbóreas perenes em espaçamento de 5x5 metros, incluindo:

**Frutíferas:** *Musa spp.* (bananeira), *Eugenia involucrata* (cerejeira-do-rio-grande), *Plinia edulis* (cambucá), *Psidium cattleianum* (araçá-amarelo).

**Espécies de Serviço:** *Schinus terebinthifolius* (aroeira-pimenteira), *Tabebuia roseoalba* (ipê-branco), *Inga spp.* (ingá), *Triplaris americana* (pau-formiga), *Moringa oleifera Lam* (moringa), *Gliricidia sepium* (gliricídia).

Para complementar o sistema, foi realizado o **consórcio com hortaliças:** *Lactuca sativa* (alface), *Brassica oleracea var. acephala* (couve), *Spinacia oleracea* (espinafre), *Abelmoschus esculentus* (quiabo), *Petroselinum crispum* (salsinha), *Allium fistulosum* (cebolinha).

Já as **plantas medicinais**, desenvolvem função especial, temos em nossos cultivos espécies da família das Asteraceae: *Matricaria chamomilla* (camomila), *Solidago microglossa* (arnica); Lamiaceae: *Plectranthus barbatus* (boldo), *Rosmarinus officinalis* (alecrim), *Mentha sp.* (hortelã), *Melissa officinalis* (erva-cidreira); Apiaceae: *Pimpinella anisum* (erva-doce). A família das Poaceae: *Cymbopogon citratus* (capim-limão); Bignoniaceae: *Fridericia chica* (crajiuru). As práticas adotadas, de acordo com (OLIVEIRA, 2022), como compostagem, adubação verde e manejo agroecológico, são sistematicamente acompanhadas e registradas, servindo de base para oficinas e formações, configurando o espaço, como um núcleo-escola de extensão popular.



**Figuras 11 e 12** - Canteiros em processo de transição agroecologia.



Fonte: Autoria própria.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As ações implementadas resultaram na recuperação inicial das características físicas e biológicas do solo, no reaproveitamento de águas residuais por meio do saneamento ecológico, no incremento da biodiversidade local e no início da produção de alimentos saudáveis. A propriedade, outrora degradada, transformou-se em um núcleo demonstrativo com SAF biodiverso, jardim medicinal, sistemas de saneamento ecológico e infraestrutura básica para atividades formativas.

O sistema de saneamento destacou-se como uma referência local para tecnologias sociais de baixo custo. A abordagem de manejo do solo, alinhada à visão de Primavesi (2006) que o compreende como um organismo vivo, tem promovido benefícios tangíveis em termos de fertilidade e atividade biológica.



**Figuras - 13, 14 e 15 - Resultados da transição agroecológica no coletivo.**



**Fonte: Autoria própria.**

O Coletivo consolidou-se, paralelamente, como um espaço formativo, realizando oficinas com estudantes, agricultores e público interessado, fortalecendo vínculos comunitários e promovendo a inserção de mulheres e jovens em processos decisórios. A gestão coletiva e horizontal tem se mostrado um exercício político de corresponsabilidade e autonomia, materializando uma forma de resistência e construção de soberania territorial (STÉDILE, 2005) e forjando uma "territorialidade viva" (ACEVEDO; MARIN, 2004), alicerçada em afetos, trabalho coletivo e cuidado com o lugar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do Coletivo Agroecológico Andirá evidencia o potencial transformador da agroecologia para articular produção sustentável, educação ambiental e reorganização do território. Em um contexto marcado pela degradação ambiental e pela concentração fundiária, o Coletivo demonstra sua capacidade em ser uma metodologia viável e replicável, enraizada na autonomia, no cuidado com os comuns e na formação de sujeitos comprometidos com a justiça socioambiental.

A iniciativa ilustra caminhos concretos para a permanência da juventude no campo com dignidade e sentido (CARNEIRO, 2010), constituindo-se como uma vitrine-escola agroecológica. A



continuidade e o escalonamento de práticas como estas demandam, contudo, o fortalecimento de redes de apoio mútuo e o efetivo reconhecimento de coletivos autogestionados como sujeitos estratégicos na transição agroecológica brasileira.

## REFERÊNCIAS

- ACEVEDO, R.; MARIN, R. E. **Territórios e territorialidades: desafios para o ordenamento territorial**. Belém: NAEA/UFPA, 2004.
- ALTIERI, M. A.; NICHOLLS, C. I. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 5. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013.
- CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia: uma ciência do campo da complexidade**. Brasília, DF: [s. n.], 2004.
- CARNEIRO, M. J. **Jovens rurais: sujeitos da reprodução social e da luta pela terra**. In: LEITE, S. P. et al. (org.). **Campesinato e luta pela terra no Brasil**. Seropédica: Ed. da UFRRJ, 2010. p. 189–206.
- LEFF, E. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- LOUREIRO, C. F. B. **Educação ambiental e movimentos sociais na construção da cidadania ecológica e planetária**. In: LAYRARGUES, P. P. (Coord.). **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília, DF: MMA, 2004.
- OLIVEIRA, F. J. S. S. **Educação do campo, agroecologia e extensão popular: uma experiência formativa em vitrine agroecológica**. *Revista Educação e Fronteiras*, Dourados, v. 12, n. 37, p. 221–239, 2022.
- PRIMAVESI, A. **Manejo ecológico do solo: a agricultura em regiões tropicais**. São Paulo: Nobel, 2006.
- STÉDILE, J. P. (Org.). **A questão agrária no Brasil: o debate na década de 2000**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.
- ZIMMERMANN, S. **Agroecologia e educação: construindo o conhecimento agroecológico em escolas do campo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013.